



1

A CHINA “RECOLOCANDO A ESCADA” EM ÁFRICA? Breve análise da presença da China em África como um parceiro “estratégico” de cooperação.

Arcénio Francisco Cuco¹

Rodolfo Silva Marques²

Resumo: O presente texto tem vista analisar a expansão chinesa em África, buscando entender o seu impacto no desenvolvimento de países africanos. Também procura entender por que a China, a partir de um dado momento, se torna um parceiro de cooperação preferido pelos países africanos a despeito dos parceiros tradicionais de cooperação (ocidente). O texto procura responder à seguinte indagação: Até que ponto a cooperação China-África pode ser benéfica para o desenvolvimento do continente africano comparada à imposição de modelos de desenvolvimento ocidentais? Poderia o modelo chinês ser alternativa ao criticado modelo tradicional de cooperação ocidental? A primeira constatação é de que o modelo chinês de cooperação com os países africanos, embora não seja isento de críticas, afigura-se como uma boa alternativa comparado ao dos parceiros tradicionais de cooperação, cuja característica é de imposição, culminando com sanções severas no caso de os países africanos não cumprirem com as medidas por eles impostas. A ideia surge a partir do livro do Chang (2002) “chutando a escada” quando o autor afirma que os países desenvolvidos estão escondendo o “segredo do seu sucesso”, ou por outra “chutando a escada” ao recomendarem, aos países em desenvolvimento, políticas e instituições que eles não tinham ao longo do seu desenvolvimento.

Palavras-chave: África, China, cooperação, desenvolvimento.

¹Doutorando em Ciência Política pela UFRGS. Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Integrante do Grupo de Pesquisa Direito à Verdade e à Memória e Justiça de Transição e do Grupo de Pesquisa em Criminologia (GEPCRIM). É membro do Conselho Editorial da Revista Direito & Inovação do Curso de Direito da URI/FW. E-mail: arcuco@yahoo.com.br.

² Doutorando em Ciência Política pela UFRGS. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Servidor Público do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Professor Universitário da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com.



2

INTRODUÇÃO

“A África é uma terra de oportunidade... negócio e oportunidades estão lá, o crescimento está lá e a população também está lá”.

Presidente Macky Sall
Senegal, Janeiro de 2014

“Famílias viveram de peixe por gerações... mas o estoque de peixe reduziu. As nossas receitas caíram. Já fomos capazes de poupar um pouco para a educação das nossas crianças ou para repararmos os nossos barcos, mas agora se tornou mais difícil de fazer face as despesa”.

Issa Fall, Comité de Pescadores de Soumbédioune,
Senegal, Janeiro de 2014

Estes dois trechos foram retirados do *Africa Progress Report*³ de maio de 2014. Os dois parecem espelhar a atual situação do continente africano. Por um lado, um continente que vem recebendo diversos investimentos de diferentes países do mundo interessados em

³O *Africa Progress Panel* publica anualmente, em Maio, o seu relatório de Progresso em África. O mesmo baseia-se nos melhores trabalhos de investigação e análise disponíveis sobre África e compila-os de uma forma atualizada e estimulante. O Painel oferece, através do relatório, recomendações políticas viáveis aos decisores políticos africanos com responsabilidades pelo progresso de África e a parceiros internacionais e organizações da sociedade civil. A missão do *Africa Progress Panel* é de promover a mudança transformadora em África.



3

desenvolver laços de cooperação com o continente, por conseguinte, o crescimento econômico do continente; por outro lado espelha o contraste entre o crescimento econômico do continente e a transformação desse crescimento em desenvolvimento que se consubstanciaria na melhoria de vida da maior parte das populações locais.

É exatamente neste contexto de uma África que virou um cenário de “disputas” que a China surge, passando a assumir um dos lugares de destaque em termos de cooperação com o continente.

A ideia surge a partir do livro do Chang (2002) “chutando a escada”, quando o autor afirma que os países desenvolvidos estão escondendo o “segredo do seu sucesso”, ou por outra “chutando a escada” ao recomendarem, aos países em desenvolvimento, políticas e instituições que eles não tinham ao longo do seu desenvolvimento⁴. Não restam dúvidas que, por razões históricas, os países que mais sofreram com essas medidas tenham sido os africanos⁵.

Entretanto, a presença da China em África como parceiro de cooperação vislumbra-se como uma boa alternativa para a recolocação da escada, uma vez que a política chinesa de não

⁴Com as chamadas “boas maneiras” e “boas instituições” destinadas a promover o desenvolvimento econômico, sendo que “boas maneiras” seriam as políticas prescritas pelo chamado Consenso de Washington em geral e “Instituições boas” seriam as existentes nos países desenvolvidos, em particular nos anglo-saxônicos, que incluem a democracia, a burocracia “boa”, o judiciário independente, a forte proteção aos direitos de propriedade privada (inclusive a intelectual) e uma governança empresarial, transparente e orientada para o mercado, assim como instituições financeiras (inclusive um banco central politicamente independente). CHANG, Ha Joon. *Chutando a Escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. Editora UNESP, São Paulo, 2004; p.11, 12.

⁵Chang apresenta dados que indicam que, entre 1980 e 1998 (período em que várias “políticas boas” e “instituições boas” foram implementadas), o PIB *per capita* da África subsaariana caiu 15% (ou seja cresceu - 8% a.a.), já que havia crescido 36% entre 1960-1980 (ou a uma taxa de 1,6% a.a.). Neste período apenas treze países cresceram (Chile, Maurícia, Tailândia, Sri Lanka, China, Índia, Bangladesh, Mauritânia, Uganda, Moçambique, Chad, Burkina Faso e Burundi), mas há que assinalar que em pelo menos três (Moçambique, Chad e Uganda) o crescimento deveu-se ao fim da guerra civil do que pela mudança de políticas. E também não pode atribuir ao crescimento econômico da China e da Índia, durante este período a “políticas boas”, pois o crescimento destes países deveu-se ao fato de terem priorizado modelos próprios de desenvolvimento. CHANG, Ha Joon. Op. cit. p.213, 214.



4

impor aos governos africanos o direcionamento dos seus investimentos e de não interferência nos assuntos internos possa vir a ser uma boa estratégia para que os africanos possam abrir uma nova página no seu relacionamento com outros parceiros de cooperação, como por exemplo, com o Ocidente.

Parece ficar cada vez mais claro que a hegemonia do Ocidente está fortemente ameaçada não só pela China, mas também por uma legião de países que cresceram economicamente ao longo do século XX e vão procurando espaço de cooperação em África. E isso pode ser apurado partir do “grito de desespero” do ocidente caracterizado pela diabolização dos novos parceiros de cooperação com a África.

O texto procura responder à seguinte indagação: Até que ponto a cooperação China-África pode ser benéfica para o desenvolvimento do continente africano comparada à imposição de modelos de desenvolvimento ocidentais? Poderia o modelo chinês ser alternativa ao criticado modelo tradicional de cooperação ocidental?

A primeira constatação é de que o modelo chinês de cooperação com os países africano, caracterizado por não interferência nas questões internas desses países – pese embora não seja isento de críticas – afigura-se como uma boa alternativa comparado ao dos parceiros tradicionais de cooperação (o ocidente) cuja característica é de imposição, culminando com sanções severas no caso de os países africanos não cumprirem com as medidas por eles impostas.

Constituem objetivos: analisar a expansão chinesa em África, buscando entender o seu impacto no desenvolvimento de países africanos; entender por que a China, a partir de um dado momento, se torna um parceiro de cooperação preferido pelos países africanos a despeito dos parceiros tradicionais de cooperação.



5

Do ponto de vista metodológico, a revisão bibliográfica, bem como a análise de alguns documentos (*Africa Progress Report* e *Afrobarometer*) será a principal base de sustentação das ideias que se procuram defender no presente texto.

1. O QUE A CHINA QUER EM ÁFRICA?

O crescimento espetacular e a estabilidade da China, nos últimos 20 anos, colocou perplexos muitos especialistas no Ocidente. Este crescimento tem gerado muitos debates de intelectuais, bem como chamado atenção de acadêmicos ocidentais, *policymakers*, políticos e do público em geral, no sentido de entender as múltiplas causas para esta mudança de poder econômico e a atual política internacional.

Alice Amsden (2009) coloca a China como um dos países que a partir de 2000 fez parte de dois conjuntos distintos de países do “resto”⁶ que estavam concorrendo entre si por recursos e por participação no mercado global, bem como pela liderança em servir de modelo para industrializados ainda mais tardio. Esses conjuntos distintos são, primeiro os “independentes”, que integram a China, Índia, Coreia e Taiwan, que são países que priorizaram modelos próprios de crescimento, por um lado e; segundo os “integracionistas”, que integram a Argentina, o Brasil, Chile, México e a Turquia, que apostaram em vínculos mais fortes com o capital estrangeiro. Para Amsden, o segredo de sucesso desses países só pode ser encontrado na recuperação do lugar do Estado e no seu papel-chave no comando de estratégias nacionais de desenvolvimento⁷.

⁶ Países cujo desenvolvimento iniciou ao longo do século XX. Até lá eram considerados do terceiro mundo, resultando daí a designação “resto”.

⁷ AMSDEN, Alice H. *A ascensão do Resto: os desafios ao Ocidente de economias com industrialização tardia*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. Editora UNESP; São Paulo; 2009.p.29. Como se poderá observar mais adiante, o Estado em maior parte dos países altamente desenvolvidos desempenhou um papel preponderante na proteção da indústria local antes de atingirem o nível de desenvolvimento que eles têm hoje, algo que é negado aos países em desenvolvimento, mas que acabou sendo importante para catapultar a economia dos países “independentes” dos quais a China faz parte.



6

Este aspecto acabou sendo importante para China porque mesmo isolada do mundo e ameaçada pelo Ocidente, aprendeu a mudar suas riquezas de forma drástica nas últimas três décadas⁸. Tal como apontam Lee & Bremmer, a China estourou no cenário mundial um pouco depois do avanço diplomático entre ela e os Estados Unidos em 1972. Particularmente na última década, desde a sua adesão à Organização Mundial do Comércio, a China surpreendeu os observadores ao redor do mundo com a sua velocidade de urbanização, a sua modernização, a redução do número de pessoas em situação de pobreza, e ao grande volume de reservas em moeda estrangeira que detém⁹.

A sua relação com a África tem vindo a atrair muita atenção na esfera global. Como assinala Andrea Goldstein¹⁰ *et al* (2006; p.19), a cooperação China-África vem-se mostrando dinâmica e crescente desde 2000. As exportações para China começaram a acelerar por volta do ano 2000 atingindo uma taxa de crescimento anual de 56%. Em 2004, as exportações africanas para China fixaram-se em 11.4 bilhões de dólares. As exportações elevaram-se, neste período, três vezes do que em 2000 e contabilizaram 6% do total das exportações dos países africanos em todo o mundo.

Diante deste cenário, a questão que ressalta é: afinal de contas o que a China procura em África?

⁸Importa sublinhar que o esforço da China em desenvolver uma política externa ativa a frente de muitos países asiáticos tem seu início em 1989, diante de uma reação desabonatória do Ocidente ao Massacre em Tiananmen (junho de 1989), que resultou no embargo de armas imposto pelos EUA e a União Europeia, para além do crescente criticismo aos direitos humanos na China, questões que levaram os chineses a procurar firmar laços de cooperação com países que não fossem do Ocidente. TULL, Denis M.. China's Engagement in Africa: Scope, significance, and consequences. In HARBEGSON, Roth Child. Africa in world politics. Boulder: Westview Press, 2009, p.325

⁹LEE, Ann; BREMMER, Ian. *WHAT THE U.S. CAN LEARN FROM CHINA: An Open-Minded guide to Treating Our Greatest Competitor as Our Greatest Teacher*. BK (Berrett-Koehler Publishers, Inc). San Francisco. 2012.p.9.

¹⁰GOLDSTEIN, Andrea, *et al*. *The Rise of China and India: what's in it for Africa?*. OECD (development Centre of the Organisation for Economic Co-operation and Development), 2006.p.19



7

Denis Tull¹¹ aponta que a China vê na África uma oportunidade para buscar um papel ativo no sistema internacional, pois precisa do apoio dos Estados africanos nas organizações internacionais para se defender das crescentes críticas do ocidente em relação à sua política global, exatamente, para promover a ideia de que a China é um polo alternativo na política mundial.

Para Sautman & Hairong¹², o que guia as relações China-África são necessidades econômicas e políticas sob a retórica de benefícios mútuos. Sautman & Hairong argumentam que, apesar de haver diferenças nas estruturas políticas domésticas, tal como o Ocidente, a China se esforça em liderar uma política econômica internacional que posiciona África como um continente fornecedor de recurso.

É importante sublinhar que a China também é movida para a África por interesse em recursos energético do continente. Para se ter uma ideia, cerca de 60% da produção petrolífera do Sudão, um dos maiores produtores em África, vai para a China cobrindo 5% das necessidades chinesas do petróleo. Angola e Nigéria são outros dois países que contribuem com ¼ da sua produção. A África é também fonte dos recursos minerais para a China. 60% da produção em minérios em África é exportada para a China¹³.

Mas estas relações não podem ser vistas apenas do ponto de vista de vantagens para a China porque a África também tem benefícios. A África comercializa produtos da manufatura primária da China; a China apoia na construção de infraestruturas; a China é solidária naquelas questões que envolvem diferendo com o poder ocidental. Como destaca Paulo Visentini, os chineses têm vindo a cooperar com os africanos em todas as áreas, não se intrometendo na política doméstica dos africanos: “vendem bens de consumo popular

¹¹TULL, Denis M.. China's Engagement in Africa: Scope, significance, and consequences. In HARBEGSON, Roth Child. Africa in world politics. Boulder: Westview Press, 2009, p.324.

¹² SAUTMAN, Barry e HAIRONG, Yan. Honour and shame? China's Africa ties in comparative context. In WILD Leni & MEPHAM David. The New Sinosphere: China in Africa. IPPR, 2006, p.179.

¹³ Ibidem.



8

extremamente barato, acessíveis a várias camadas sociais antes carentes deles. Isso está causando uma transformação social pela base, impactando política e economicamente”¹⁴.

Outro aspecto importante que o autor destaca tem a ver com o fato de a África não ter uma política única para negociar, resultando daí o imperativo de a China ter que negociar em particular com cada um dos 54 países, o que demanda uma necessidade de os africanos se organizarem melhor em suas instituições multilaterais, para negociar com a China.

Na verdade esta situação não se resume apenas no processo de negociação com a China, mas também em vários outros âmbitos. A África tem-se mostrado impotente mesmo para resolver conflitos internos que abalam alguns países do continente. Várias vezes tem sido o ocidente a tomar dianteira na resolução de conflitos internos em muitos países do continente. E parece que as instituições multilaterais como a União Africana e diferentes organizações regionais não têm produzido soluções de que delas se espera(va) para a resolução de crises no continente¹⁵. A incapacidade para gerenciar conflitos como os da Libéria e da Somália, mais recentemente as crises na Líbia, Mali, Guiné-Bissau, Sudão entre outros, parece tender a escancarar o caráter putativo (senão ocidente-dependência) das instituições multilaterais africanas: nenhum país africano reagiu à evasão da Líbia pelo Ocidente; a CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) não consegue mediar a crise no Mali e Guiné-Bissau¹⁶; por sua vez, a SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) teve sérios problemas para mediar a crise política no Zimbábue após as eleições de 2008 nas quais Tsvangirai havia derrotar Mugabe (atual

¹⁴VISENTINI, Paulo Fagundes e equipe da CEBRAFICA. *A África e as Potências Emergentes: Nova partilha ou cooperação Sul-Sul?* Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2013, p.79.

¹⁵A União Africana é uma organização que nasce com o propósito de reforçar a solidariedade entre os Estados Africanos e a coordenação de suas políticas, destacando-se a promoção da unidade e a paz entre os Estados; encorajar a democracia e boa governação e; promoção do crescimento sustentável de seus Membros.

¹⁶Quanto à crise maliana a França interveio militarmente e na Guiné-Bissau, até ao momento vai valendo a atuação da ONU na mediação do conflito.



9

presidente) no primeiro turno, sem, no entanto, ter conseguido obter a maioria absoluta dos votos¹⁷.

Não restam dúvidas que a cooperação China-África seja um desafio ou um teste sério para os Estados e instituições africanas, sendo necessário que se adaptem o quanto mais cedo possível a este novo figurino de cooperação para que possam tirar vantagens consideráveis do processo. A sua contraparte está demonstrando um interesse sério nesse sentido criando instituições de formulação e implementação de políticas chinesas para África¹⁸. É isto que África também precisa fazer.

1.1. O Que Diferencia a Cooperação China-África dos Atores Tradicionais de Cooperação?

“You never hear the Chinese saying that they will not finish a project because the government has not done enough to tackle corruption. If they are going to build a road, then it will be built”.

Porta-voz do governo queniano¹⁹.

Este discurso assenta muito bem na natureza atual de cooperação China-África. A China oferece apoio sem condições, o que a torna uma alternativa mais atrativa do que o apoio pré-condicionado do Ocidente, que vem, geralmente, atrelado à ideia de direitos humanos e democracia. Como mostra Denis Tull²⁰:

¹⁷ Tratou-se de uma crise que levou a criação de um governo de unidade nacional composto por membros dos dois lados em conflito.

¹⁸ Há três instituições centrais de formulação e implementação de políticas chinesas para a África: o próprio Partido Comunista Chinês (CCP) que lidera o processo, o Ministério dos Assuntos Externos (MC) e o Ministério de Comércio. Aqui, se calhar, destacar o papel do Ministério de Comércio que tem um Instituto de Pesquisa para Comércio e Cooperação Econômica Externa, que funciona como um centro de organização de todas as pesquisas que são feitas sobre África. SAUTMAN, Barry e HAIRONG, Yan. Op. cit. p. 55.

¹⁹ TULL, Denis M. Op. cit. p. 330.

²⁰ TULL, Denis M. Op. cit. p. 327



10

O governo chinês e sua contraparte africana, frequentemente, afirmam que a ajuda de Pequim vem com poucas imposições de políticas. Ao contrário dos doadores ocidentais, o apoio da China aos governos africanos não depende de condicionalidades relativas aos objetivos ou padrões políticos específicos (ou seja, direitos humanos, democracia).

Este é o espírito que norteia o argumento do porta-voz do governo queniano, assim como de maioria dos governantes africanos. Trata-se de um discurso que mostra também que, o fato de a China não se intrometer na política doméstica (não se importando se os governos e os seus líderes são democráticos ou autoritários, ou ainda se respeitam ou não os direitos humanos ou praticam ou não boa governação), torna-a mais atraente para os governantes africanos.

Este aspecto apresenta-se como o principal marco de diferença com os parceiros tradicionais de cooperação com a África. O mesmo apresenta-se como o principal elemento que é usado pelo Ocidente para criticar a política chinesa para a África, como se tentará demonstrar a seguir.

2. PODERIA A CHINA “RECOLOCAR A ESCADA” PARA A ÁFRICA?

A tese deste trabalho é de que o modelo chinês de cooperação com os países africanos pode ser uma boa alternativa comparado ao dos parceiros tradicionais de cooperação cuja característica é de imposição, culminando com sanções severas no caso de os países africanos não cumprirem com as medidas por eles impostas. Nesta parte procura-se demonstrar de que maneira isso pode ser possível.

Como se fez referência anteriormente, o principal suporte das ideias que são aqui apresentadas é “Chutando a escada”, livro do economista sul-coreano Ha Joon Chang, lançado em 2002, cuja principal tese é de que os países desenvolvidos estão escondendo o “segredo do seu sucesso”, ou por outra “chutando a escada” ao recomendarem, aos países em



11

desenvolvimento, políticas e instituições que eles não tinham ao longo do seu desenvolvimento.

O autor parte da ideia de que o pacote de políticas que os países altamente desenvolvidos usaram para chegar ao lugar em que estão hoje são precisamente aquelas que eles mandam os países em desenvolvimento não usarem, por causa de seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento econômico. Mas, o mais inquietante é que, justamente durante o período em que essas medidas foram implementadas pelos países em desenvolvimento o PIB *per capita* desses países caiu drasticamente comparativamente ao período anterior à implementação dessas medidas, como se pode conferir no seguinte trecho:

À parte a escassez de razões convincentes para explicar por que seria esse o caso, o ínfimo crescimento econômico verificado nos países em desenvolvimento, nas últimas décadas, sugere que essa linha de defesa é simplesmente insustentável. Nesse período, a maioria dos países em desenvolvimento passou por “reformas políticas” e implementou “políticas boas” - ou pelo menos “melhores” – que deviam ter promovido o crescimento. Em poucas palavras: o resultado foi uma grande decepção²¹.

Ou seja, as “reformas políticas” neoliberais se mostraram incapazes de cumprir a sua grande promessa: o crescimento econômico. A desigualdade da renda aumentou, mas a prometida aceleração do crescimento não se verificou; o crescimento desacelerou-se acentuadamente, sobretudo em países em desenvolvimento.

Diante deste cenário, Chang chega à conclusão de que, sim, os países altamente desenvolvidos estão chutando a escada.

A partir desta conclusão e considerando que maior parte dos países africanos passarão ou estão passando por esta situação, considerando ainda o (re)surgimento da China como parceiro forte de cooperação, questiona-se: poderia a China recolocar a escada em África?

²¹CHANG, Ha Joon. Op. cit.212.



12

Avaliando a partir das fortes críticas que a China tem recebido do ocidente por sua expansão em África, é provável que seja possível que consiga recolocar a escada em África. Certamente que essas críticas estão surgindo porque algo de interessante a China está fazendo que justifique que seja, atualmente, o preferido dos países africanos. É preciso sublinhar que, a China, ao lado de outros países que compõem os BRICs é certamente o ator mais expressivo e o que mais parece empenhado em cultivar sua própria diáspora no continente africano, como se pode constatar do relatório do IPEA, *Ponte sobre o Atlântico Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento*. O que se acaba de dizer *per si* – ao lado da política de não interferência na política interna desses países e não imposição de condicionalidade no seu apoio – coloca a China como um parceiro que pode ser de alguma forma de confiança para os governantes africanos. Eles podem direcionar os apoios que a China lhes oferece segundo as suas prioridades sem que, no entanto, haja uma interferência do doador.

Este aspecto parece bastante importante porque depende da forma que forem definidas as prioridades, pode ser que isso espreite o desenvolvimento nos países africanos. Uma das prioridades da China é o apoio na área de infraestruturas. Ai é importante priorizar as infraestruturas que possam catapultar o desenvolvimento (estradas que permitam o escoamento, por exemplo, de produtos agrícolas das regiões rurais, onde está concentrada a maior parte de população de baixa renda; indústria autóctone, escola de qualidade, etc.). A China cresceu rapidamente ao longo do século XX, como se pôde constatar anteriormente, porque priorizou a indústria nacional. Os governantes africanos devem aproveitar esta oportunidade de cooperação com a China para criar parques industriais que assegurem o desenvolvimento a médio, longo prazo dos seus países, não se contentando apenas pelo, aparentemente, “dinheiro fácil dos chineses”.

Uma das grandes críticas hoje em dia em África tem a ver com a indústria mineira, área em que a China vem atacando fortemente nos últimos tempos (na verdade é uma área que vem catapultando o PIB de muitos países africanos). O relatório de 2013 da *Africa Progress*



13

Panel alega que em muitos países africanos, as receitas dos recursos naturais tendem a alargar o fosso entre os ricos e os pobres: “Embora muito se tenha alcançado, uma década de crescimento a um ritmo impressionante não representou melhorias comparáveis no âmbito da saúde, educação e nutrição”. Estes são alguns aspectos internos que devem ser vencidos em maior parte dos países africanos.

Já o relatório de 2014 do mesmo organismo sublinha que a África pode estar a demonstrar um crescimento notável nas manchetes dos jornais, mas demasiados africanos continuam aprisionados na pobreza. E conclui que, para acelerar a transformação de África, é necessário impulsionar significativamente a agricultura e pescas, que, em conjunto, asseguram a subsistência de cerca de dois terços do total da população africana: “Se quisermos alargar os recentes sucessos económicos do continente à vasta maioria dos seus habitantes, temos de acabar com a negligência das nossas comunidades agrícolas e piscatórias. Chegou o momento de libertar as revoluções verde e azul de África”²².

Na verdade, estes são alguns aspectos sobre os quais os governantes africanos deve(ia)m priorizar nestes novos laços que vem estabelecendo com a China. É necessário que o crescimento económico, se reflita no índice de desenvolvimento humano. *Se isso for a acontecer, pode-se, sim, pensar que a China pode recolocar a escada em África.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o sucesso da cooperação Sino-África depende basicamente das prioridades que os governantes africanos forem a escolher. Se forem a optar apenas pelas facilidades que o apoio que China oferece sem olharem para vantagens a médio ou longo, pode-se ter certeza de que a África voltará às mesmas dificuldades que vem sentindo em relação a ocidente.

²²Africa Progress Panel Report, Maio de 2014.



14

A China é uma alternativa porque não impõe condições na cooperação tal como o ocidente o faz, mas é necessário que a África procure capitalizar este novo modelo de cooperação para poder tirar vantagens de modo que o mesmo não fracasse tal como vem acontecendo na cooperação com os atores tradicionais (o ocidente). É necessário que os investimentos chineses em infraestruturas sejam direcionados para aquelas infraestruturas que garantem o desenvolvimento.

Os novos parceiros de cooperação com a África criaram os BRICs, uma parceria que permite que discutam de que forma podem intervir em África. Os Estados africanos precisam priorizar as institucionais multilaterais para evitarem agir isoladamente. Isso permitiria que, em conjunto, pudessem saber negociar com diferentes parceiros de cooperação. E a recusa dos líderes chinesa em interferir na política doméstica não pode ser o motivo para o estabelecimento de regimes repressivos em África.

REFERÊNCIAS

AMSDEN, Alice H. *A ascensão do Resto: os desafios ao Ocidente de economias com industrialização tardia*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. Editora UNESP; São Paulo; 2009.

CHANG, Ha Joon. *Chutando a Escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. Editora UNESP, São Paulo, 2004.

CHANG, Ha Joon. *Maus Samaritanos: o mito do livre-comércio e a história secreta do capitalismo*. Tradução de Celina Martins Ramalho. Editora Elsevier, Rio de Janeiro, 2009.

TULL, Denis M.. China's Engagement in Africa: Scope, significance, and consequences. In HARBEGSON, Roth Child. *Africa in world politics*. Boulder: Westview Press, 2009

GOLDSTEIN, Andrea, *at al.* *The Rise of China and India: what's in it for Africa?*. OECD (development Centre of the Organisation for Economic Co-operation and Development), 2006.



15

LEE, Ann; BREMMER, Ian. *WHAT THE U.S. CAN LEARN FROM CHINA: An Open-Minded guide to Treating Our Greatest Competitor as Our Greatest Teacher*. BK (Berrett-Koehler Publishers, Inc). San Francisco. 2012.

MAWDSLEY, Emma & MCCANN, Gerard. Towards a re-evaluation of contemporary India-Africa relations. In MAWDSLEY, Emma & MCCANN, Gerard. *India Africa: Changing Geographies of Power*. Pambuzuka Press.

Relatórios do Africa Progress Panel, 2013 e 2014.

Relatório do IPEA *Ponte sobre o Atlântico Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento*

SAUTMAN, Barry e HAIRONG, Yan. Honour and shame? China's Africa ties in comparative context. In WILD Leni & MEPHAM David. *The New Sinosphere: China in Africa*. IPPR, 2006.

VISENTINI, Paulo Fagundes e equipe da CEBRAFICA. *A África e as Potências Emergentes: Nova partilha ou cooperação Sul-Sul?* Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2013.

WILD, Leni & MEPHAM, David. How do we engage with China on Africa? In WILD Leni & MEPHAM David. *The New Sinosphere: China in Africa*. IPPR, 2006.